



A RODA ENQUANTO DISPOSITIVO DO PROTAGONISMO: CONTRIBUIÇÕES AO TRABALHO COM AUTO-GESTÃO A PARTIR DE PERCEPÇÕES ENQUANTO FACILITADORAS NO PROJETO VER-SUS/ BRASIL¹

Adernanda De Rocco Guimarães², Francielle Limberger Lenz³, Liane Beatriz Righi⁴, Teresinha Eduardes Klafke⁵. UNIJUÍ e UNISC

A presente escrita registra nossas percepções acerca da “roda” enquanto dispositivo de protagonismo, tecnologia que possibilita a autoria no trabalho organizado pela auto-gestão. Nossas reflexões fundam-se no “olhar” de facilitadoras do Projeto Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde do Brasil, nas edições de 2006 que ocorreram na Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, e em Santa Cruz do Sul, com apoio do Ministério da Saúde. Esse projeto caracteriza-se pelo protagonismo dos estudantes, sendo referenciado como uma das estratégias da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, voltada a mudanças na formação acadêmica. OBJETIVO: Pretendemos explorar o como ocorrem as relações dos diversos sujeitos na roda, cada um com suas individualidades, disparando idéias a medida que o processo encaminha-se, na tentativa de correlacionar nossa experiência no projeto VER-SUS/Brasil com a realidade das equipes de saúde atuantes no SUS. Com esse intento sistematizamos uma reflexão acerca da roda como dispositivo para empoderamento dos diversos sujeitos em uma equipe multiprofissional e interdisciplinar. OPERACIONALIZAÇÃO: Após as visitas aos serviços da rede proporcionadas pelo projeto, é formada uma roda com os estudantes imersos, para discussão das vivências do dia (visitas, leituras e convivência com o grupo). A colocação de cada estudante desencadeia uma nova ferramenta, aguçando o debate, potencializando idéias e instrumentalizando para a ação. A roda torna-se “viva” e abre-se como espaço à invenção na medida em que cada estudante passa a se reconhecer como legítimo nesta roda, permitindo emergir afectamentos individuais que contagiam o coletivo: o riso, o choro, a indignação, olhares que provocam em cada indivíduo impressões talvez antes nunca sentidas, tornando o estudante a(u)tor no debate. Deste momento em diante, observamos uma prática de ensino/aprendizagem, onde feedback’s potencializam-se na roda, com práticas de alteridade e a valorização das tecnologias leves. Observamos ainda a transposição de preocupações antes restritas ao núcleo do trabalho específico para o campo da saúde, com questionamentos pertinentes à política de saúde, a resolutividade do trabalho em equipe multiprofissional, e usuário-centrada. RESULTADOS: Nessa prática de ensinagem, os estudantes iniciam um processo de sensibilização, lançando olhares em direção ao outro, na vivência da empatia e da necessidade de parcerias para a construção coletiva (complementariedade), em busca de alternativas ao modelo taylorista, com a valorização das tecnologias leves e leve-duras dos diferentes atores que circundam a roda. Percebemos essa “roda” como disparadora e/ou constituinte dos processos de subjetivação dos estudantes inseridos. Na interação com os outros, os estudantes foram reconhecendo os seus processos, sentindo os

¹ Projeto de pesquisa acadêmica, tendo como referência o projeto VER-SUS/Brasil, iniciativa do Movimento Estudantil da área da saúde, em parceria com o Ministério da Saúde. Apoio das referidas instituições: UNIJUÍ/ UNISC.

² Estudante do curso de Farmácia da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, integrante do GESC (Grupo de Estudos em Saúde Coletiva);

E-Mail: adernandaguimaraes@yahoo.com.br

³ Estudante do curso de Psicologia da UNISC- Universidade de Santa Cruz do Sul, integrante do Núcleo de Estudos e Trabalhos em Saúde Coletiva. E-mail: <fran_lenz@yahoo.com.br

⁴ Professora Orientadora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do sul, Doutora em Saúde Coletiva;

⁵ Professora Orientadora, do departamento de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, mestre psicologia clínica



territórios que lhes eram familiares e abrindo-se a novas possibilidades de (como) conhecer, e relacionar-se com a própria formação. APRENDIZAGENS: Práticas como a do Projeto VER-SUS/Brasil demonstram a capacidade do estudante em buscar, criar e referenciar idéias na construção de conhecimentos, fortalecendo as políticas de Educação Permanente em Saúde, que, pelo método da roda, fomentam a produção de conhecimento e trabalho vivo em uma forma inovadora de organização da equipe. Isso posto, aprendemos que quando ocupamos o lugar de gestores de processos de ensino/aprendizagem/trabalho e nos colocamos enquanto facilitadores, transversalizando saberes – ao invés de impor nossas “verdades”, criamos espaços para o empoderamento de cada participante de nossa equipe. E, ao devolver a voz a cada sujeito implicado, organizamos a equipe pela auto-gestão (todos decidindo) e ampliamos o potencial de invenção e resolução dessa equipe, bem como criamos um território propício ao desenho de alternativas que auxiliam na implementação das políticas de saúde, dentre elas a educação permanente em saúde.